

## ARTÍCULOS

---

### PEQUENAS PÁTRIAS, A PÁTRIA, OUTRAS PÁTRIAS: AS COMPLEXAS IDENTIDADES DOS ITALIANOS NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA.

Vittorio Cappelli  
Università della Calabria  
[v.cappelli@unical.it](mailto:v.cappelli@unical.it)

**Resumo:** O artigo aborda o complexo tema da “identidade” na longa história da migração italiana na América latina, privilegiando o estudo do caso da emigração italiana de origem meridional no Brasil. Não se descreve uma evolução diacrônica linear da questão, mas sim a complicada interação entre o “patriotismo” da emigração política do século XIX antes da Unificação, a dimensão comunitária dos lugares de procedência da emigração de massa, a redescoberta – mesmo no caldeirão de diferentes dimensões regionais e de vilarejos – de pertencer a uma comum Pátria italiana. Além disso, levam-se em conta – depois da “nacionalização” dos “italianos do exterior” na época fascista – os processos de integração e absorção nos países de acolhimento e, por fim, o ressurgimento e a redescoberta de pertencer às comunidades locais e municipais de origem.

**Palavras chave:** Emigração italiana, Brasil, América latina, pequenas pátrias, a Pátria, integração, identidade.

**Título:** PEQUEÑAS PATRIAS, LA PATRIA, OTRAS PATRIAS: LAS COMPLEJAS IDENTIDADES DE LOS ITALIANOS EN BRASIL Y AMÉRICA LATINA.

**Resumen:** El artículo aborda la compleja cuestión de la “identidad” en relación a la larga historia de la emigración italiana a América Latina, centrándose en el estudio de algunos casos de la emigración italiana de origen meridional en Brasil. No se describe una evolución diacrónica lineal de los hechos, sino la compleja interacción entre el “patriotismo” de la emigración política de la pre-unificación del siglo XIX, la dimensión comunitaria de los lugares de procedencia de la emigración de masa, el redescubrimiento de pertenencia a la patria italiana, incluso en el crisol de la dimensión regional y aldeana. Además, se tendrán en cuenta, tras la “nacionalización” de los “italianos en el extranjero” durante la era fascista, los procesos de integración y absorción en los nuevos países de adopción y, por último, el resurgimiento y el redescubrimiento de pertenencia a las comunidades locales y municipales de origen.

**Palabras clave:** Emigración italiana, Brasil, América Latina, pequeñas patrias, Patria, integración, identidades.

**Title:** LITTLE HOMELANDS, THE HOMELAND, OTHER HOMELANDS. THE COMPLEX IDENTITIES OF ITALIANS IN BRAZIL AND LATIN AMERICA.

---

Recibido: 11-09-2014  
Aceptado: 22-09-2014

**Cómo citar este artículo:** CAPPELLI, Vittorio. Pequeñas pátrias, a Pátria, outras pátrias: as complexas identidades dos italianos no Brasil e na América Latina. *Naveg@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2014, n. 13. Disponible en: <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

**Abstract:** This article deals with the complex issue of “identity” in the long history of Italian migration in Latin America, focusing on the research about the case of Southern Italian emigration in Brazil. It does not describe a timeline linear evolution of this topic, rather it concerns the complicated plot consisting of “patriotism” of political emigration in the nineteenth-century before the unification of the Country, the community dimension of places where mass emigration was issued from, the rediscovery - even in the melting pot of different regional and village dimensions - of belonging to a common Italian Homeland. Further are taken into account – after “nationalization” of the Italians living abroad declared in the fascist time – the integration and the absorption into new country where they landed and, finally, the resurgence and recovery of an idea of belonging to local and municipal communities.

**Keywords:** Italian emigration, Brazil, Latin America, little homelands, Patria, integration, identity.

A sequência proposta pelo título (pequenas pátrias – a Pátria – outras pátrias) não quer sugerir um percurso linear que parte dos milhares de vilarejos rurais da Itália, depois passa pela descoberta da Nação com a Primeira Guerra Mundial e com o fascismo, e , por fim, termina com a integração e a assimilação dos emigrantes nas novas pátrias de adoção. Trata-se, na verdade, de redescobrir um itinerário irregular e sinuoso, feito de relações múltiplas entre lugares de partida e lugares de chegada, repetidas idas e vindas, de remodulações dos projetos migratórios e identificação de novas metas. Trata-se de observar e interpretar o percurso circular dos processos migratórios, nos quais a perda e o esquecimento das origens convivem com a frequente reaparição e a redescoberta de antigas proveniências.

Os processos migratórios não são definíveis por um percurso retilíneo que conduz os migrantes de um País a outro, de um ponto de partida a um ponto de chegada. A viagem, ou melhor, as viagens de emigração são vistas, sobretudo, como os estágios intermediários de um longo processo que há muitas preliminares e complexas consequências, as quais instauram relações múltiplas entre lugares de partida e lugares de chegada.

Convém mencionar que o ponto de partida das migrações italianas no mundo não coincide com a explosão da emigração em massa, quando milhões de emigrantes, em sua maioria analfabetos, abandonaram os seus vilarejos rurais e montanhosos, que eram a única “pátria” conhecida por eles. Não vem ao caso, neste momento, voltar ao longo dos séculos para recordar os comerciantes italianos em giro pela Europa e pelo mundo desde a Idade Média, junto com pintores, músicos e arquitetos, saltimbancos, sorveteiros e pedreiros. É suficiente lembrar que, já nas primeiras décadas do século XIX, registrava-se nas Américas uma visível presença italiana não só composta por artesãos ambulantes, músicos de rua e itinerantes de várias profissões, mas também por intelectuais, políticos, artistas e exilados. Destes últimos, emergiam os “patriotas” do Ressurgimento, em fuga da repressão nos anos 20, 30 e 40 do século XIX<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre esses assuntos ver: FRANZINA, Emilio. *Gli italiani al nuovo mondo. L'emigrazione italiana in America (1492-1942)*. Milano: Mondadori, 1995; BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina y FRANZINA, Emilio (orgs.). *Storia dell'emigrazione italiana. Partenze e Arrivi*. 2 v. Roma: Donzelli, 2001 e 2002; CORTI, Paola y SANFILIPPO, Matteo (org.). *Migrazioni*. Storia d'Italia. Annali, 24. Torino: Einaudi, 2009.

Portanto, antes mesmo que a associação “*paesana*” dos emigrantes camponeses, que teria feito uma ligação entre as “pequenas pátrias” de origem e a pátria do outro lado do Atlântico, visivelmente se difundisse, os exilados já afirmavam uma ideia de pátria, que teria tido, naturalmente, o seu ápice no mito de Garibaldi, que era cultuado no Brasil, Uruguai e Argentina. A partir da sua chegada ao Rio de Janeiro em 1835, Garibaldi foi objeto de uma construção mitológica que se espalhou com crescente sucesso, graças também aos numerosos “*garibaldini*” que chegaram às Américas nos anos 60 e 70<sup>2</sup>).

Certamente, o mito de Garibaldi não cancelou as divisões internas das comunidades italianas, antes e depois da Unificação, onde se opunham laicos e católicos, republicanos e monárquicos. Basta recordar a missão sul-americana do jovem Mastai, o futuro papa Pio IX, disposto a curar os relacionamentos entre o Vaticano, os Estados Sul-americanos e as igrejas locais; uma missão na qual se propaga, entre os exilados italianos no Plata, um crescente anticlericalismo, culminando em uma incursão no arcebispado de Buenos Aires em 1875<sup>3</sup>.

É justamente este anticlericalismo, de evidente caráter maçônico, a cola que mantém unidos, entre os italianos, os republicanos e os monárquicos, que se dividem, frequentemente, nos espaços públicos e nos eventos institucionais (do Estatuto Albertino ao XX Settembre di Porta Pia), como na celebração dos Pais da Pátria (de Mazzini a Garibaldi, a Cavour e Vittorio Emanuele).

A difusão da maçonaria italiana, com a propagação das lojas que evocam o Grande Oriente da Itália, nas três últimas décadas do século XIX, fortalece o mito de Garibaldi como símbolo supremo da identidade maçônica e como laço simbólico com a Pátria distante. Isto acontece com particular vigor na Argentina, no Uruguai e no Brasil, mas é presente também em outros Países latino-americanos, do Peru à Colômbia, à Costa Rica<sup>4</sup>.

Neste contexto, que, no entanto, não elimina lacerações e contrastes, dois grandes eventos celebrativos intervirão, com o decorrer do tempo, na redefinição e

---

<sup>2</sup> Ver: BARROS FILHO, Omar L. De; VAZ SEELIG, Ricardo y BOJUNGA, Sylvia (org.). *Os caminhos de Garibaldi na América*. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007; FRANZINA, Emilio y SANFILIPPO, Matteo. Garibaldi, i Garibaldi, i garibaldini e l'emigrazione. Em: *Archivio Storico dell'Emigrazione Italiana*. 2008, a. 4, n. 1, pp. 23-52; SANTORO DE CONSTANTINO, Nuncia y MUSA FAY, Claudia (org.). *Garibaldi, história e literatura. Perspectivas Internacionais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

<sup>3</sup> FANESI, Pietro Rinaldo. *Un Oceano tra le Italie. L'Unità d'Italia e gli italiani al Plata nel secolo XIX*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2011.

<sup>4</sup> Ver: BONFIGLIO, Giovanni. *Gli italiani nella società peruviana*. Torino: Edizioni Fondazione Agnelli, 1999; BARIATTI, Rita. *Italianos en Costa Rica. 1502-1952*. San José (Costa Rica): Uaca, 2001; CAPPELLI, Vittorio. *Tra “Macondo” e Barranquilla. Gli italiani nella Colombia caraibica dal tardo Ottocento alla Seconda guerra mondiale, Altreitalie*. Julho-dezembro 2003, n. 27; CAPPELLI, Vittorio. *Nelle altre Americhe. Calabresi in Colombia, Panamá, Costa Rica e Guatemala*. Doria di Cassano Jonio: La Mongolfiera, 2004; CAPPELLI, Vittorio. Tra emigranti, socialisti e massoni. “Il complotto di Barcellona”: un fantomatico attentato a Mussolini, immaginato lungo le piste dell'emigrazione italiana in Colômbia e in Centroamerica. *Daedalus*. 2007, n. 1. Disponível em <[http://www.sociologia.unical.it/daedalus/PDF20/2\\_20-CAPPELLI.pdf](http://www.sociologia.unical.it/daedalus/PDF20/2_20-CAPPELLI.pdf)>.

no fortalecimento do mito garibaldino: 1882, o ano da morte do “herói dos dois mundos” e 1907, o centenário do seu nascimento, duas datas que marcarão a passagem da dimensão conspirativa e maçônica – mas também internacionalista – daquele momento inicial, à consagração celebrativa do herói como “pai da Pátria”, ao alvorecer do novo século<sup>5</sup>.

Garibaldi é realmente um mito complexo e combativo, capaz de obscurecer todas as outras figuras do Ressurgimento, inclusive a de Mazzini. No entanto, chega a ser um mito - na Itália muito mais do que na América Latina - de algum modo incompatível com uma outra figura, muito interessante mas até hoje desconhecida na Itália, aquela da princesa napolitana Teresa Cristina di Bourbon. Ela tornou-se imperatriz do Brasil, seu país de adoção, em 1843 e teria sido aclamada como “mãe dos brasileiros”, sendo a exportadora da “identidade italiana” por quase meio século<sup>6</sup>.

Filha do rei das Duas Sicílias, Francesco I (1825-30), e irmã do seu sucessor, Ferdinando II (1830-59), Teresa Cristina foi esposa do imperador do Brasil, Dom Pedro II (1841-89), em um contexto de uma política internacional do reino borbônico que atribuía um papel não secundário às relações com o recém-nascido império brasileiro (1822). As relações diplomáticas e os movimentos comerciais entre os dois Estados teriam sido iniciadas entre 1829 e 1830, consolidando-se em 1843 com o casamento de Teresa Cristina e o imperador (e depois, no ano seguinte, com a união entre Luigi di Bourbon, irmão de Teresa Cristina, e Donna Januarina, irmã do imperador Dom Pedro)<sup>7</sup>.

A chegada ao Rio de Teresa Cristina, apaixonada estudiosa de arqueologia e de música, teria levado o Brasil à aquisição de um considerável patrimônio arqueológico proveniente das escavações de Pompéia e Herculano, bem como da cidade etrusca de Veio (onde a princesa napolitana havia uma propriedade); e teria estimulado também a circulação das mais importantes companhias líricas italianas daquele tempo e das figuras mais proeminentes do teatro, da dança e da lírica, como a soprano Augusta Candiani, jovem milanese que chegou, em 1844, ao Rio (que se tornará a sua pátria de adoção e onde morrerá, depois de uma longa carreira, em 1890); a dançarina Marietta Baderna, bailarina do teatro *Alla Scala* de Milão, que desembarca no Rio depois do fracasso da revolução de 1848, juntamente com o seu pai mazziniano, despertando entusiasmos incontroláveis por muitos anos; e mais

---

<sup>5</sup> BARROS FILHO, Omar L. De; VAZ SEELIG, Ricardo y BOJUNGA, Sylvia (org.). *Os caminhos de Garibaldi na América*. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007; SANTORO DE CONSTANTINO, Nuncia y MUSA FAY, Claudia (Org.). *Garibaldi, história e literatura. Perspectivas Internacionais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

<sup>6</sup> Sobre esse assunto ver a única monografia sobre a imperatriz Teresa Cristina de Bourbon: AVELLA, Aniello Angelo. *Una napoletana imperatrice ai Tropici. Teresa Cristina di Borbone sul trono del Brasile, 1843-1889*. Roma: Exorma, 2012.

<sup>7</sup> SCARANO, Paolo. Rapporti politici, economici e sociali tra il Regno delle due Sicilie ed il Brasile (1815-1860). *Archivio Storico per le Province Napoletane*, a. XXVI-XXXIX. Napoli: Società Napoletana di Storia Patria, 1957-1960.

tarde, a grande atriz dramática Adelaide Ristori (no Rio em 1869 e em 1874)<sup>8</sup>.

A presença de Teresa Cristina no Brasil, de 1843 a 1889, impulsionou a chegada não só de artistas, mas também de artesãos, profissionais e construtores italianos. A maioria era de origem “napolitana”, ou seja, pessoas provenientes do Reino das Duas Sicílias, como os irmãos Farani, qualificados e ambiciosos caldeireiros de Sapri, que logo se tornariam os responsáveis da casa da moeda imperial, os joalheiros da corte e, finalmente, os primeiros construtores da capital moderna, e não mais colonial-lusitana, do Brasil<sup>9</sup>.

Para selar este protagonismo cultural, a napolitana Teresa Cristina apoiou a fundação, em 1854, de uma “Sociedade Italiana de Beneficência e Mútua Ajuda”, qualificada, portanto, “italiana”, bem antes da unidade política da Península e inaugurada, curiosamente, na sede da Legação da Sardenha no Rio. Nesta mesma circunstância, a afirmação da “italianidade” é também confiada ao jornal *L'Iride Italiana*, cujo motivo condutor é a identificação dos italianos com “as belas artes”. Mas na década de 1870 em diante, esta “italianidade” apoiada pela imperatriz ficará, cada vez mais, em contraste com a conotação meridional e, por fim e principalmente, calabresa de uma imigração espontânea, que acabará por girar em torno do eixo principal de uma migração em cadeia da cidade de Fuscaldo, a pátria do novo líder da comunidade italiana, o construtor-arquiteto Antonio Jannuzzi, ativo no Rio, com os seus irmãos, desde 1874<sup>10</sup>.

No final do século e nas duas primeiras décadas do século XX, Jannuzzi emergirá como o mais importante construtor da cidade, dando-lhe uma face totalmente moderna, por causa das largas avenidas, dos espaços arborizados e das construções em estilo eclético. Recebido, em 1883, no prestigioso e exclusivo Clube de Engenharia do Rio – aos vinte e sete anos e sem um diploma de nível superior –, Jannuzzi acabará por se tornar presidente da “Sociedade Italiana de Beneficência” fundada por Teresa Cristina e reunirá também os seus conterrâneos imigrados da Calábria em uma “Sociedade Operária Fuscaldense de Mútua Ajuda” (1886). Mais tarde, desempenhará altos cargos na loja maçônica, “Fraternidade Italiana” (1895), reconhecida pelo Grande Oriente do Brasil. Os maçons aderiram uma forte cultura de molde calvinista, que havia as suas raízes nas comunidades dos Valdesi da Calábria – entre Montalto, Guardia Piemontese e Fuscaldo – e um ambiente

---

<sup>8</sup> Ver: CERNICCHIARO, Vincenzo. *Storia della musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549-1925)*. Milano: Fratelli Riccioni, 1926; CORVISIERI, Silverio. *Badernão. La ballerina dei due mondi*. Roma: Odradek, 1998; CAPPELLI, Vittorio. *La belle époque italiana di Rio de Janeiro. Volti e storie dell'emigrazione meridionale nella modernità carioca*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2013.

<sup>9</sup> CENNI, Franco. *Italianos no Brasil. “Andiamo in ‘Merica...”*. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1960; VANNI, Julio Cesar. *Italianos no Rio de Janeiro*. Niterói: Comunità, 2000; CHIEFFALLO, Domenico. *Cilento oltre Oceano. L'emigrazione cilentana dall'Unità alla seconda guerra mondiale*. Acciaroli: Centro di promozione culturale per il Cilento, 2004.

<sup>10</sup> MAZZINI, Ferdinando. Gl'interessi sociali ed economici italiani nel distretto consolare di Rio de Janeiro. *Bollettino dell'Emigrazione*. Roma 1905, n. 13; CAPPELLI, Vittorio. *La belle époque italiana di Rio de Janeiro. Volti e storie dell'emigrazione meridionale nella modernità carioca*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2013.

favorável ao crescimento na Igreja Presbiteriana brasileira<sup>11</sup>.

Pode-se deduzir, facilmente, de todos estes eventos, a prevalência das “pequenas pátrias”, como valor de identidade e como instrumento de agregação, mesmo em presença de projetos ambiciosos e de personalidades carismáticas, capazes de dar força à nova identidade política nacional (no caso de Garibaldi), ou às identidades histórico-culturais da Península (é o caso de Teresa Cristina e, em um outro plano, de Jannuzzi). A estatura internacional, tanto da imperatriz quanto do construtor-arquiteto, a complexidade cultural das suas personalidades, não cancelam, minimamente, as raízes, respectivamente napolitana e calabresa, das suas biografias.

Além disso, no final do século, um observador italiano de espírito aguçado e interessado, Filippo Ugolotti, registra a predominância de “misérias regionalistas” e ausência de uma associação de caráter nacional entre os 60.000 italianos de São Paulo (40% da população da cidade), enquanto “florescem as associações regionais”. Os calabreses, os vênets e os outros italianos vivem “*quase estranhos um ao outro, olham-se com hostilidade e, na confusão dos dialetos, nem mesmo se compreendem entre eles*”. E mais tarde, “*uma vez esquecido o próprio dialeto, todos estes italianos não sabem falar e escrever em outra língua que não seja do país em que vivem. Ou o próprio dialeto ou a língua estrangeira: aqui está a palavra de muitíssimos italianos que vivem no exterior!*”<sup>12</sup>.

Vale dizer que o que houve no Brasil acerca da importância das “pequenas pátrias”, pode ser dito também no caso da Argentina, onde é muito bem conhecido o papel que desempenhou, por muito tempo, na comunidade italiana pelos genoveses e pelos ligures, aos quais se uniram, mais tarde, os colonos “padanos” e, finalmente, a inundação migratória proveniente do Sul, dando continuidade ao longo período, também no plano associativo, à persistência das identidades regionais ou, até mesmo, municipais<sup>13</sup>.

Na verdade, a descoberta generalizada da Pátria, entre as comunidades italianas espalhadas por todo o mundo, dar-se-á somente no novo século, com a “Grande Guerra”, quando a Pátria solicitará os seus filhos espalhados nas Américas e em outras partes; e, em seguida, com o fascismo, quando os emigrantes deixarão, por decreto, de serem tais e se tornarão “italianos no exterior” e potenciais megafones da Itália mussoliana. Tenho a impressão de que, no passado, tenham sido subestimados estes dois veículos de “nacionalização” dos italianos, ativos não só na Itália rural, mas também fora das fronteiras nacionais, entre as comunidades italianas no mundo.

---

<sup>11</sup> CAPPELLI, Vittorio. *La belle époque italiana di Rio de Janeiro. Volti e storie dell'emigrazione meridionale nella modernità carioca*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2013.

<sup>12</sup> UGOLOTTI, Filippo. *Italia e Italiani in Brasile (note e appunti)*. São Paulo: Typography Riedel & Lemmi, 1897.

<sup>13</sup> Ver: DEVOTO, Fernando J. *Storia degli italiani in Argentina*. Roma: Donzelli, 2007.

No início do século XX, no Sul agrícola e analfabeto, dizia-se que os jovens “partiam pela Itália”, quando partiam para o serviço militar<sup>14</sup>. Para eles, o Estado nacional se tratava de polícia, de agente do imposto e de recrutamento. Ademais, mesmo em ambientes urbanos, a língua italiana era ainda patrimônio de poucos e se sabia que o próprio rei da Itália, Vittorio Emanuele II, usava, geralmente, o dialeto piemontês, até mesmo, em reuniões com os ministros. “Nos salões mais aristocráticos das nossas grandes cidades – observava com pesar Filippo Ugolotti, cheio de patriotismo – falar a língua é considerada uma afetação! A burguesia também segue a aristocracia e a língua é colocada de lado pelas próprias classes mais instruídas (...), mas teriam vergonha de não saber falar e escrever perfeitamente alguma língua exótica e especialmente o Francês”<sup>15</sup>. A Itália do final do século XIX era ainda quase toda falante de dialeto e largamente analfabeta. Mais do que a própria escola, era a recrutamento, que inicialmente durava cinco anos, que dava início, lentamente, à difusão do italiano.

Em 1911, a taxa média de analfabetismo ficou parada em torno de 40%, mas com níveis muito mais elevados nas áreas rurais e no Sul, e com um pico de 70% na Calábria, onde – como denunciava, em 1909, o professor Camillo Vaccaro em um congresso em Cosenza – os notáveis locais “odeiam, cordialmente, a escola como fabricante de deslocados rebeldes [...] e se pudessem, até a suprimiriam, como suprimiriam o direito de poder, emigrando, elevar a qualidade de vida dos camponeses”<sup>16</sup>.

Neste contexto, a primeira guerra mundial se torna um potente fator de nacionalização. Dos quase 6 milhões de inscritos, entre 1915 e 1918, pouco menos da metade é constituída por trabalhadores agrícolas. A linguagem da Pátria fala, então, a milhões de camponeses, jogados no universo brutal da guerra moderna. A indústria da guerra, a pedagogia de massa do conflito e, depois, a sua celebração e monumentalização impõem e difundem, pela primeira vez, massivamente o uso da língua nacional e da palavra escrita<sup>17</sup>.

E esta chamada chega também aos emigrantes em todo o mundo. Chamados a servir a Pátria distante, frequentemente os jovens emigrados tendem, obviamente, a escapar. No entanto, não se devem subestimar os numerosos e, nem sempre, relutantes regressos. Ainda há muito mais a ser pesquisado neste campo, mas os dados oficiais disponíveis são bastante expressivos: mais de 300.000 responderam

---

<sup>14</sup> LANARO, Silvio. *Da contadini a italiani*. Em: BEVILACQUA Piero (org.). *Storia dell'agricoltura italiana*, vol. III. Venezia: Marsilio, 1991.

<sup>15</sup> UGOLOTTI, Filippo. *Italia e Italiani in Brasile (note e appunti)*. São Paulo: Typography Riedel & Lemmi, 1897.

<sup>16</sup> CAPPELLI, Vittorio. *Tra analfabetismo e futurismo. La partecipazione calabrese al movimento d'avanguardia*. Em: CAPPELLI, Vittorio (org.). *Calabria futurista. 1909-1943*. Rubbettino: Soveria Mannelli, 2009, pp. 39-46.

<sup>17</sup> Ver principalmente: GIBELLI, Antonio. *La Grande Guerra degli Italiani. 1915-1918*. Milano: Sansoni, 1998; GIBELLI, Antonio. *L'officina della guerra. La grande guerra e le trasformazioni del mondo mentale*. Torino: Bollati Boringhieri, 2009; ISNENGHI, Mario. *Il mito della Grande Guerra*. Bologna: Il Mulino, 2007; ISNENGHI, Mario. *Storia d'Italia. I fatti e le percezioni dal Risorgimento alla società dello spettacolo*. Roma-Bari: Laterza, 2011.

à chamada das Forças Armadas nas Américas, nos Países europeus, na África e em outros lugares mais excêntricos, de um total de 1.200.000 com idade para o serviço ou o recrutamento. Das Américas, chegou o contingente mais numeroso. Estes são os números oficiais: 103.269 dos EUA e do Canadá; 52.118 da América Latina<sup>18</sup>.

Se o número de relutantes é muito maior do que o de entradas, não se pode deixar de observar o peso específico do “patriotismo” que irrompe nas comunidades italianas e que envolve também os filhos dos imigrantes nascidos no exterior. Isto é, particularmente, evidente nas mobilizações em favor da intervenção que se registram nos Estados Unidos e na Argentina (mas não no Brasil, como esperava, contudo, o nacionalista Enrico Corradini). E é visível mesmo em pequenas e isoladas comunidades italianas, como aquela presente na igualmente pequena Costa Rica, de onde partem 110 homens chamados às Forças Armadas. 7 ou 8 desses, todos calabreses, morrem na guerra, outros 3 morrem depois que regressam à Costa Rica, devido às feridas de guerra<sup>19</sup>.

Considere-se, também, que, no final do conflito, com a retomada dos fluxos migratórios muitos veteranos de guerra seguirão o caminho da emigração. E serão esses, nas Américas, que herdarão, de alguma forma, a mensagem nacionalista lançada, nos anos anteriores, por Enrico Corradini, especialmente com o romance *A Pátria distante*. Corradini, bem antes da Primeira Guerra Mundial, profetizou em seu argumento narrativo, a necessidade do retorno dos emigrantes para combater na “Grande Guerra” que teria aberto à Itália um destino de conquistas (mas, na verdade, o autor introduzia a história fictícia na vida real da comunidade italiana do Rio, liderada pelo carismático arquiteto fuscaldense Antonio Jannuzzi, que está escondido sob o disfarce de um dos personagens principais do romance<sup>20</sup>.

Os ex-combatentes, que depois da guerra deixarão a Itália para ir às Américas, estarão, depois, entre os fundadores dos Fascistas Italianos no Exterior, ao quais Mussolini confiará a tarefa de serem mensageiros da nova Itália fascista, preservando a italianidade no mundo e combinando-a com o conceito de latinidade, com o qual a Roma fascista pretendia servir como modelo na América Latina também. A ação dos Fascistas predominava principalmente no Brasil e nos Estados Unidos, muito menos na Argentina, onde as comunidades italianas permaneciam mais ligadas às tradições radical-democráticas, socialistas e anárquicas<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> FRANZINA, Emilio. *Migranti italiani e Grande Guerra* (manuscrito, a ser publicado).

<sup>19</sup> BARIATTI, Rita. *Italianos en Costa Rica. 1502-1952*. San José (Costa Rica): Uaca, 2001; CAPPELLI, Vittorio. *Nelle altre Americhe. Calabresi in Colombia, Panamá, Costa Rica e Guatemala*, Doria di Cassano Jonio: La Mongolfiera, 2004.

<sup>20</sup> CORRADINI, Enrico. *La Patria lontana*. Milano: Treves, 1910.

<sup>21</sup> FRANZINA Emilio y SANFILIPPO, Matteo (orgs.). *Il fascismo e gli emigrati*. Roma-Bari: Laterza, 2003; SCARZANELLA, Eugenia (Org.). *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005; BRANDALISE, Carla. *A idéia e concepção de “Latinidade” nas Américas: a disputa entre as Nações*. Em: ORO, Ari Pedro (org.). *Latinidade da América Latina. Enfoque sócio-antropológicos*. São Paulo: Hucitec, 2008, pp. 21-59; BRANDALISE, Carla. *Concepção de “italianidade” no Rio Grande do Sul. Noções étnicas de pertencimento: mitos e conflitos*. Em: CAPPELLIN, Paola [et alii] (orgs.). *Entre memória e mercado. Famílias e empresas de origem italiana no Brasil*. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2010, pp. 109-136; CAVAROCCHI, Francesca. *Avanguardie dello spirito. Il fascismo e la propaganda culturale all'estero*. Roma: Carocci, 2010.



E, ainda, no seu conjunto, esta “nacionalização” dos italianos no mundo é complexa e contraditória: frequentemente, as comunidades italianas se dividem na oposição entre “patriotas” e “subversivos”, entre fascistas e antifascistas. Isso acontece principalmente nas grandes cidades e em grandes Países onde as comunidades italianas são vastas, como na Argentina, no Brasil e nos Estados Unidos, mas as lacerações e os conflitos políticos ocorrem também em cidades pequenas de Países menores, como Barranquilla, na Colômbia, ou São José, na Costa Rica<sup>22</sup>.

Nos anos 20, é comum que as figuras mais influentes das comunidades italianas queiram escapar do fascismo, visto como uma ameaça ao prestígio e à liderança social e cultural. Enquanto isso, as “pequenas pátrias” da associação regionalista não desaparecem, mas tornam-se menos visíveis. Será necessário que o fascismo se conforme em pôr de lado a sua fúria ideológica e adote uma tática mais flexível, com base na atividade diplomática, nas práticas assistenciais, culturais e lúdicas, para obter um mais amplo consenso e reconhecimento entre os emigrantes italianos.

Após a Segunda Guerra Mundial, a nacionalização fascista da Itália rural, por mais rápida e superficial que tenha sido, vêm, de alguma forma, reunida e fortalecida, com vestes sacerdotais mas ainda pró-fascistas, pela organização minuciosa da “Coldiretti” Democrática Cristã. Enquanto isso, o caráter prevalentemente temporário, ou até sazonal, das novas migrações na Suíça, Alemanha, Bélgica, França, etc., enfatiza a circularidade dos fluxos migratórios. As idas e vindas dos migrantes, nos anos do *boom* econômico e, novamente, nos anos 70, desencadeiam um tumultuado processo de transformação que, nos lugares de partida, quebra qualquer equilíbrio pré-existente, estruturas e hierarquias sociais, destruindo também o tecido cultural tradicional das milhares de cidades e vilarejos da Itália rural, com resultados particularmente impressionantes no Sul e no Nordeste<sup>23</sup>.

Enquanto isso, nos principais destinos de migração no exterior, filhos, netos e bisnetos de imigrantes italianos, com a sua crescente integração e assimilação em seus novos países de adoção parecem preanunciar o irreversível declínio da “italianidade” no horizonte da vida dos ítalo-descendentes. Nas duas últimas décadas, no entanto, assistiu-se a simultânea reaparição, tanto das “pequenas pátrias” quanto da “italianidade”. A revolução tecnológica praticamente eliminou as

---

<sup>22</sup> FRANZINA Emilio y SANFILIPPO, Matteo (orgs.). *Il fascismo e gli emigrati*. Roma-Bari: Laterza, 2003; CAPPELLI, Vittorio. *Nelle altre Americhe. Calabresi in Colombia, Panamá, Costa Rica e Guatemala*. Doria di Cassano Jonio: La Mongolfiera, 2004; LUCONI, Stefano y TINTORI, Guido. *L'ombra lunga del fascio: canali di propaganda fascista per gli italiani d'America*. Milano: M&B, 2004.

<sup>23</sup> Ver: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina y FRANZINA, Emilio (orgs.). *Storia dell'emigrazione italiana. Arrivi*. Roma: Donzelli, 2002; PUGLIESE, Enrico. *L'Italia tra migrazioni internazionali e migrazioni interne*. Bologna: Il Mulino, 2006; COLUCCI, Matteo. *Lavoro in movimento. Emigrazione italiana in Europa, 1945-1957*. Roma: Donzelli, 2008; DE CLEMENTI, Andreina. *Il prezzo della ricostruzione. L'emigrazione italiana nel secondo dopoguerra*. Roma-Bari: Laterza, 2010.

distâncias entre velhas e novas pátrias, enquanto os emigrantes e os seus descendentes voltam a ser “italianos no mundo”, não mais por decreto político ou por ambições nacionalistas, mas porque são protagonistas de uma transformação planetária que conecta o global ao local, tornando a etnia um elemento multicultural do jogo do mundo contemporâneo.

Assim, a italianidade deixa de ser resquício nostálgico, destinada inevitavelmente a desaparecer, e se torna, por sua vez, um valor ostentado, um elemento de enriquecimento, uma marca a ser apresentada no mercado, ou apenas um eleitor, após a concessão do direito de voto em 2001, ou um passaporte a mais para os ítalo-descendentes, que voltam com prazer e cada vez mais numerosos para visitar a casa e a terra do migrante ancestral...

Em última análise, quanto ao fato das ligações circulares, cada vez mais densas, entre as novas pátrias dos imigrantes italianos e os lugares de partida, às vezes, não passam pelos canais tradicionais da associação local, regional e nacional, mas através das malhas do crime organizado, como no caso vistósimo da 'ndrangheta calabresa, ativa da Colômbia ao Canadá e à Austrália, passando pela Alemanha... bem, isso abre um cenário preocupante sobre um assunto de investigação e reflexão que, infelizmente, temos que adiar para outra ocasião.

## Referências

AVELLA, Aniello Angelo. *Una napoletana imperatrice ai Tropici. Teresa Cristina di Borbone sul trono del Brasile, 1843-1889*. Roma: Exorma, 2012.

AVELLA, Aniello Angelo. *Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada*. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. São Paulo: 2010 (Cd-Rom).

AVELLA, Nello. *Contributi napoletani alla storia della cultura brasiliana del secolo XIX*. Centro Virtual Cervantes <[http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/05/05\\_175.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/05/05_175.pdf)>.

BARIATTI, Rita. *Italianos en Costa Rica. 1502-1952*. San José (Costa Rica): Uaca, 2001.

BARROS FILHO, Omar L. De; VAZ SEELIG, Ricardo y BOJUNGA, Sylvia (org.). *Os caminhos de Garibaldi na América*. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007.

BELMONTE, Alexandre. O “nascimento” de italianos no Rio de Janeiro imperial, antes da unificação italiana. *Revista Uniabeu*. Março-agosto 2011, v. 4, n. 7.

BERTONHA, João Fabio. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2010.

- BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina y FRANZINA, Emilio (orgs.). *Storia dell'emigrazione italiana. Partenze e Arrivi*. 2 v. Roma: Donzelli, 2001 e 2002.
- BEZZA Bruno (org.). *Gli italiani fuori d'Italia*. Milano: Franco Angeli, 1983.
- BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio y PEPE, Adolfo (orgs.). *La riscoperta delle Americhe: lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina: 1870-1970*. Milano: Teti, 1994.
- BONFIGLIO, Giovanni. *Gli italiani nella società peruviana*. Torino: Edizioni Fondazione Agnelli, 1999.
- BRANDALISE, Carla. *A idéia e concepção de "Latinidade" nas Américas: a disputa entre as Nações*. Em: ORO, Ari Pedro (org.). *Latinidade da América Latina. Enfoque sócio-antropológicos*. São Paulo: Hucitec, 2008, pp. 21-59.
- BRANDALISE, Carla. *Concepção de "italianidade" no Rio Grande do Sul. Noções étnicas de pertencimento: mitos e conflitos*. Em: CAPPELLIN, Paola [et alii] (orgs.). *Entre memória e mercado. Famílias e empresas de origem italiana no Brasil*. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2010, pp. 109-136.
- CANDIDO, Salvatore. *Appunti sull'apporto italiano alla storia delle emigrazioni politiche dall'Italia ai Paesi iberoamericani durante il Risorgimento*. Centro Virtual Cervantes <[http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/05/05\\_185.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/05/05_185.pdf)>.
- CAPPELLI, Vittorio. Tra "Macondo" e Barranquilla. Gli italiani nella Colombia caraibica dal tardo Ottocento alla Seconda guerra mondiale. *Altreitalie*. Julho-dezembro 2003, n. 27 disponível em <[http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri\\_Arretrati/N\\_27/Altreitalie\\_27\\_LuglioDicembre\\_2003.kl](http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_27/Altreitalie_27_LuglioDicembre_2003.kl)>.
- CAPPELLI, Vittorio. *Nelle altre Americhe. Calabresi in Colombia, Panamá, Costa Rica e Guatemala*. Doria di Cassano Jonio: La Mongolfiera, 2004.
- CAPPELLI, Vittorio. Tra emigranti, socialisti e massoni. "Il complotto di Barcellona": un fantomatico attentato a Mussolini, immaginato lungo le piste dell'emigrazione italiana in Colombia e in Centroamerica. *Daedalus*. 2007, n. 1. Disponível em <[http://www.sociologia.unical.it/daedalus/PDF20/2\\_20-CAPPELLI.pdf](http://www.sociologia.unical.it/daedalus/PDF20/2_20-CAPPELLI.pdf)>.
- CAPPELLI, Vittorio. *Storie di italiani nelle altre Americhe. Bolivia, Brasile, Colombia, Guatemala e Venezuela*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2009.
- CAPPELLI, Vittorio. *Tra analfabetismo e futurismo. La partecipazione calabrese al movimento d'avanguardia*. Em: CAPPELLI, Vittorio (org.). *Calabria futurista. 1909-1943*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2009, pp. 39-46.

- CAPPELLI, Vittorio. *Architetti e costruttori italiani nelle città brasiliane (e altrove) tra XIX e XX secolo*. Em: FREIRE RAMOS, Alcides; SANTOS DE MATOS, Maria Izilda y PATRIOTA, Rosangela (orgs.). *Olhares sobre a História. Culturas, Sensibilidades e Sociabilidades*. São Paulo: Hucitec, 2010, pp. 49-69.
- CAPPELLI, Vittorio. Vecchie e nuove migrazioni. Brasile-Italia e i calabresi di Rio. *Quotidiano della Calabria*. 5 febbraio 2012, pp. 15-17.
- CAPPELLI, Vittorio. *La belle époque italiana di Rio de Janeiro. Volti e storie dell'emigrazione meridionale nella modernità carioca*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2013.
- CAVAROCCHI, Francesca. *Avanguardie dello spirito. Il fascismo e la propaganda culturale all'estero*. Roma: Carocci, 2010.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil. "Andiamo in 'Merica..."*. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1960.
- CERNICCHIARO, Vincenzo. *Storia della musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni (1549-1925)*. Milano: Fratelli Riccioni, 1926.
- CHIEFFALLO, Domenico. *Cilento oltre Oceano. L'emigrazione cilentana dall'Unità alla seconda guerra mondiale*. Acciaroli: Centro di promozione culturale per il Cilento, 2004.
- CHINELLI, Filippina. *Folha no chão. Etnografia de uma sociedade de jornaleiros*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- COLUCCI, Matteo. *Lavoro in movimento. Emigrazione italiana in Europa, 1945-1957*. Roma: Donzelli, 2008.
- CORRADINI, Enrico. *La Patria lontana*. Milano: Treves, 1910.
- CORTI, Paola y SANFILIPPO, Matteo (org.). *Migrazioni*. Storia d'Italia. Annali, 24. Torino: Einaudi, 2009.
- CORVISIERI, Silverio. *Badernão. La ballerina dei due mondi*. Roma: Odradek, 1998.
- DE CLEMENTI, Andreina. *Il prezzo della ricostruzione. L'emigrazione italiana nel secondo dopoguerra*. Roma-Bari: Laterza, 2010.
- DEVOTO, Fernando J. *Storia degli italiani in Argentina*. Roma: Donzelli, 2007.
- FANESI, Pietro Rinaldo. *Un Oceano tra le Italie. L'Unità d'Italia e gli italiani al Plata nel secolo XIX*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2011.

- FRANZINA, Emilio. *Gli italiani al nuovo mondo. L'emigrazione italiana in America (1492-1942)*. Milano: Mondadori, 1995.
- FRANZINA Emilio y SANFILIPPO, Matteo (orgs.). *Il fascismo e gli emigrati*. Roma-Bari: Laterza, 2003.
- FRANZINA, Emilio y SANFILIPPO, Matteo. Garibaldi, i Garibaldi, i garibaldini e l'emigrazione. *Archivio Storico dell'Emigrazione Italiana*. 2008, a. 4, n. 1, pp. 23-52.
- FRANZINA, Emilio. *Migranti italiani e Grande Guerra* (manuscrito, a ser publicado).
- GIBELLI, Antonio. *La Grande Guerra degli Italiani. 1915-1918*. Milano: Sansoni, 1998.
- GIBELLI, Antonio. *L'officina della guerra. La grande guerra e le trasformazioni del mondo mentale*. Torino: Bollati Boringhieri, 2009.
- ISNENGGHI, Mario. *Il mito della Grande Guerra*. Bologna: Il Mulino, 2007.
- ISNENGGHI, Mario. *Storia d'Italia. I fatti e le percezioni dal Risorgimento alla società dello spettacolo*. Roma-Bari: Laterza, 2011.
- LANARO, Silvio. *Da contadini a italiani*. Em: BEVILACQUA Piero (org.). *Storia dell'agricoltura italiana*. Vol. III. Venezia: Marsilio, 1991.
- LUCONI, Stefano y TINTORI, Guido. L'ombra lunga del fascio: canali di propaganda fascista per gli italiani d'America. Milano: M&B, 2004.
- MAZZINI, Ferdinando. Gli'interessi sociali ed economici italiani nel distretto consolare di Rio de Janeiro. *Bollettino dell'Emigrazione*. 1905, n. 13.
- PARIS, Robert. L'Italia fuori d'Italia. Em: *Storia d'Italia. Dall'Unità a oggi*. Vol. IV, t. I. Torino: Einaudi, 1975, pp. 509-818.
- PATRIARCA, Silvana. *Italianità. La costruzione del carattere nazionale*. Roma-Bari: Laterza, 2010.
- PUGLIESE, Enrico. *L'Italia tra migrazioni internazionali e migrazioni interne*. Bologna: Il Mulino, 2006.
- ROMANO, Ruggiero. Il lungo cammino dell'emigrazione italiana. *Altreitalia*. 1992, n. 7  
[http://www.altreitalia.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri\\_Arretrati/N\\_7/Altreitalia\\_7\\_Gennaio\\_Giugno\\_1992.kl](http://www.altreitalia.it/Pubblicazioni/Rivista/Numeri_Arretrati/N_7/Altreitalia_7_Gennaio_Giugno_1992.kl).

SANTORO DE CONSTANTINO, Nuncia y MUSA FAY, Claudia (orgs.). *Garibaldi, história e literatura. Perspectivas Internacionais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

SCARANO, Paolo. Rapporti politici, economici e sociali tra il Regno delle due Sicilie ed il Brasile (1815-1860). *Archivio Storico per le Province Napoletane*. A. XXVI-XXXIX Napoli: Società Napoletana di Storia Patria, 1957-1960.

SCARZANELLA, Eugenia (org.). *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005.

SCHIAVO WEYRAUCH, Cléia. *Deus abençoe esta bagunça. Imigrantes italianos na cidade do Rio de Janeiro*. Niterói: Comunita, 2009.

UGOLOTTI, Filippo. *Italia e Italiani in Brasile (note e appunti)*. São Paulo: Typography Riedel & Lemmi, 1897.

VANNI, Julio Cesar. *Italianos no Rio de Janeiro*. Niterói: Comunita, 2000.